

CORPOS DESOBEDIENTES EM BACURAU: AS VEIAS ABERTAS PARA UMA POLÍTICA DA DIFERENÇA

DA SILVA, Robério Manoel¹

Resumo: Trata-se de uma investigação em andamento no campo do pensamento decolonial que tem se revelado, nos últimos anos, a *última ratio* no combate às formas de exploração e opressão dos sujeitos subalternos em todo o mundo. Compreendem-se as subjetividades por um perfil crítico e incisivo com a posição local do eixo sul-sul hispânico-americano e luso-brasileiro. Os embates empreendidos se dão no campo epistemológico, onde a “opção decolonial”, tratada por Walter Mignolo (2008) e o grupo de pesquisadores da Modernidade/Colonialidade, se projeta como uma importante arma no combate à perpetuação de saberes e discursos que produzem, disciplinam e inferiorizam sujeitos não aliados e não alinhados com o projeto da modernidade. Seguindo argumentos dos pesquisadores latino-americanos, esta pesquisa tenta elucidar a forma como a sociopoética de Eduardo Galeano em comunicação com o filme “Bacurau” (2019), de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles dialogam e se percebem enquanto uma alternativa epistêmica para a América Latina, ao identificar assim uma ética, numa política que aflora as diferenças e questiona as produções de subjetividades e os saberes desfeitos na era moderna.

Palavras-chave: Bacurau; Decolonial; Epistemologias; Subjetividades

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Departamento de Linguística, Literatura e Artes, DLLARTES Campus II/ Alagoinhas Universidade do Estado da Bahia, (UNEB), roberiomanoel22@gmail.com. Pesquisa sob orientação do Prof. Dr. Paulo César García

1. Introdução

A crítica decolonial tem se revelado, nos últimos anos, a *última ratio* no combate às formas de exploração e opressão dos sujeitos subalternos em todo o mundo. Compreendem-se as subjetividades por um perfil crítico e incisivo com a posição local do eixo sul-sul hispânico-americano e luso-brasileiro. Os embates empreendidos neste ponto se dão no campo epistemológico, a exemplo de Adelia Miglievich-Ribeiro (2014), cuja posição sobre a colonialidade faz face à modernidade que, por muito tempo, se manteve oculta, bem como também, a “opção decolonial”, trabalhada por Walter Mignolo e o grupo de pesquisadores da Modernidade/Colonialidade² onde se projeta como importante arma no combate à perpetuação de saberes e discursos que produzem, disciplinam e inferiorizam sujeitos não aliados e não alinhados com o projeto de modernidade/colonialidade.

Ao questionar as metanarrativas modernas e expor o caráter histórico, contextual, inerente ao processo de colonização/construção do conhecimento, cria-se uma perspectiva epistemológica que vem provocando uma série de inquietações que desponta como um importante arsenal de análise e articulações fecundas para entender os tempos atuais. Trata-se de traçar reflexões em torno de como as subjetividades não se deixam curvarem e se potencializam em cenas que apresentam o construto de leitura que dissemina a ação de desarmar poderes e saberes colonizados, sujeitos e contextos culturais locais que enunciam a desobediência da logicidade do discurso centralizador. Com isto, temos em vista a importância da discussão das tensões da colonização europeia na América Latina³, discussões estas que explicam a possibilidade de um cambio epistemológico e político na releitura da literatura canônica.

² **Coletivo de intelectuais latino-americanos:** Giro Decolonial representa três movimentos marcantes para a renovação crítica das Ciências Sociais na América Latina no século XXI: inserção do continente no debate pós-colonial; ruptura com os estudos culturais, subalternos - indianos e latino-americanos - e pós-coloniais, e a radicalização do argumento pós-colonial. Nomes como Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Immanuel Wallerstein, Santiago Castro, Nelson Maldonado, Ramón Grosfóguel, Edgardo Lander, Arturo Escobar, Fernando Coronil, Catherine Walsh, Boaventura Santos, Zulma Palermo fazem parte deste coletivo.

³ Rafael Leporace e Simone explica que nome “América” somente nasce em 1507, quando o geógrafo alemão Martin Waldseemüller publica Introdução à Cosmografia, contendo um mapa no qual o autor refere-se ao Novo Mundo como “América”, clara homenagem a Américo Vespúcio e que a dualidade América Latina /América do Norte, é fundamentada no critério do conglomerado étnico do qual a nação-mãe faz parte: saxônico, no caso inglês; latino, nos casos português, espanhol e francês.

Nesse esteio percebemos algumas frentes do conhecimento movimentando-se no intuito de denunciar todo este construto moderno, como por exemplo, na academia, através dos estudos da decolonialidade pelos pesquisadores andinos, e também através de expressões artísticas culturais, rebeliões cívicas ou epistêmicas, como nas cenas da obra “As Veias Abertas da América Latina” (1971)⁴, através da sociopoética de Eduardo Hughes Galeano⁵, e na obra fílmica de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, “Bacurau”⁶, que elucidam o processo de renúncia dessa fundamentação da logicidade do conhecimento moderno, contribuindo assim para uma desconstrução do aparato conceitual da modernidade conhecida por todos, abrindo discussões epistemológicas e metodológicas para a produção de um conhecimento diferente, visando outras margens.

2 Sociopoética de Eduardo Galeano e os Corpos Desobedientes em Bacurau

A sociopoética do jornalista e escritor uruguaio Eduardo Galeano, tanto em seu caráter mais cronista e crítico-social quanto em sua expressão ficcional narrada ou rimada (vida e obra) se apresenta nesta propositura como uma potência literária “desobediente”, que aponta para uma racionalidade que subverte a epistemologia eurocêntrica ocidental e desvela uma outra ética sociopolítica, com seus novos saberes e outros modos de subjetivação. É essencial para compreender sua performance enquanto escritor comprometido com a realidade da América Latina.

A obra de Galeano produz narrativas que buscam as “bordas” do conhecimento, criando alternativas aos relatos oficiais, possibilitando uma releitura da história através das discontinuidades entre o passado e o presente, “A sangria do Novo Mundo se

⁴ A obra literária “**As veias abertas da América Latina**” vendeu milhões de exemplares em todo o mundo. Com seu texto lírico e amargo a um só tempo, Galeano sabe ser suave e duro, e invariavelmente transmite, com sua consagrada maestria, uma mensagem que transborda humanismo, solidariedade e amor pela liberdade dos povos desvalidos.

⁵ **Eduardo Galeano** (1940-2015) nasceu em Montevideú, Uruguai. Jornalista e escritor, esteve exilado na Argentina e na Espanha entre 1973 e 1985. É autor de vários livros, traduzidos em mais de vinte línguas, numa profusa obra jornalística. Recebeu diversos prêmios, entre eles: o Casa das Américas, 1975 e 1978, e o American Book Award, 1989.

⁶ “**Bacurau**” é uma produção fílmica franco-brasileira de 2019, dos gêneros drama, fantasia e ficção, escrito e dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. O título do filme faz referência ao último ônibus da madrugada da cidade do Recife (Brasil) e a origem do nome vem de uma ave de hábitos noturnos comum nos sertões brasileiros, que era chamada pelos povos Tupis de Wakura’wa. Premiada em diversos festivais, a produção conquistou o Prêmio do Juri no Festival de Cannes no ano de 2019.

convertia num ato de caridade ou numa razão de fé. Junto com a culpa nasceu todo um sistema de álibis para as consciências culpadas” (Galeano, 2015, p.67). Escrita como esta traz uma importante discussão sobre as perpetuações de saberes universais com fundamentação numa filosofia ocidental, implantados e não argumentados, soterrando saberes e cosmovisões indígenas avançadas de estruturas sociais baseadas no homem como parte da natureza. Prova disto são as civilizações avançadas nas diversas áreas do conhecimento:

Quando os espanhóis chegaram à América estava em seu apogeu o império teocrático dos incas, que estendia seu poder sobre o que hoje chamamos Peru, Bolívia e Equador, abarcava parte da Colômbia e do Chile e alcançava até o norte argentino e a selva brasileira; a confederação dos astecas tinha conquistado um alto nível de eficiência no vale do México, e no Yucantán e na América Central a esplêndida civilização dos maias persistia nos povos herdeiros, organizados para o trabalho e para a guerra (GALEANO, 2019, p.70)

Neste contexto, Galeano um caçador de histórias reconhece os sujeitos/civilizações alimentando suas vozes, ampliando o discurso tornando o local possível de ser universal em sua diversidade. Busca também entender o processo histórico no interior de uma nova geopolítica do conhecimento, que se preocupa em levantar “saberes dominados”⁷, no enfrentamento de uma razão moderna/colonial eurocêntrica e suas operações de categorização, disciplinarização e produção de saberes, como também, de invisibilização de uma episteme que não encontra correspondência neste encadeamento lógico-racional.⁸

Algumas argumentações decoloniais são de ordem cultural, permitidas pela esteira discursiva do escritor Galeano e suas visões que revelam a formação de sujeitos que se estreitam pela onda massiva do periférico colonizado e por enunciados que descolonizam ordens do saber, projetando rupturas, choques, ressignificações, à medida que emergem conhecimentos dialogáveis com a realidade luso-afro ou hispânica-americana. Isso vale desde a língua Tupi, devastada pelo colonizador europeu, ao

⁷ Termo utilizado por Foucault “para designar uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade.” (1979, p. 170 e 171).

⁸ Ver MIGNOLO, Walter D., Desobediência Epistêmica: A Opção descolonial e o significado de identidade em política. *Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, 2008.

"reconhecimento" da atualidade em promover algumas frentes políticas sobre a importância da raça, etnia, gênero e identidades culturais e sexuais de uma nação. Neste ponto de convergência encontramos as veias condutoras com as cenas do filme "Bacurau", fator retratado no momento em que as passagens da obra permitem adentrar nas imagens e nas falas dos personagens. O longa metragem projeta-se na visão de Galeano, reproduzindo-se assim uma sociedade que desobedece e rompe com a cronologia de atraso, tornando uma comunidade possível de existir a partir das próprias narrativas dos protagonistas.

No início do filme observa-se alguns acontecimentos que se sucedem após a morte da personagem matriarca da comunidade retratada em Bacurau, Dona Carmelita (interpretada pela cantora Lia de Itamaracá)⁹, onde a partir deste ponto se desencadeiam diversos acontecimentos. A comunidade de Bacurau sofre com boicotes como falta de água, alimentos. O prefeito Tony Junior (interpretado pelo ator Thardelly Lima) distribui medicamentos vencidos, medicamentos tarja preta usados sem prescrições médicas e que proporciona dependência química. As pessoas se juntam em praça pública numa espécie de referendo para destinar o rumo daqueles produtos (medicamentos vencidos e de tarja preta e alimentos estragados), se mostrando oposição ao político gestor municipal, fortalecendo desta forma a resistência numa sociedade distópica. O desaparecimento do vilarejo no mapa do *Google Earth* é percebido pelo professor Plínio (Wilson Rabelo) em sua aula, todavia, não se dando por convencido, apresenta aos seus alunos um mapa construído pelo povo nativo, trazendo a vila como centro do discurso, oferecendo referências fundamentais para se pensar sujeitos e comunidades subalternizadas, fazendo conexão com as ideias de (Bhabha, 2019, p. 24), numa significação mais ampla da condição pós-moderna, que reside na consciência de que os "limites" epistemológicos daquelas ideias etnocêntricas são também as fronteiras enunciativas de uma gama de outras vozes e histórias dissidentes. O professor com sua experiência transgressora muda o aparato de abordagem para poder concluir sua aula,

⁹ Maria Madalena Correia do Nascimento, a Lia de Itamaracá, tem 80 anos e é cantora desde os 12. É reconhecida como patrimônio cultural de Pernambuco, obteve o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), atuou em produções cinematográficas, como a participação que fez recentemente no filme "Bacurau", e viajou o mundo levando a cultura popular pernambucana.

trazendo alternativas desobedientes ao modelo de currículo tradicional ditado pela racionalidade moderna educacional da cultura do ensino homogeneizador.

Enquanto que Galeno denuncia nossa figuração no processo de esvaziamento de nossas veias sanguíneas, “Bacurau” recria uma cidade fora do mapa, em que se torna a máxima da realidade social e cultural brasileira distribuindo os papéis centrais para os desvalidos, desestabilizando as fronteiras (geográficas e culturais), além de romper com o pensamento da filosofia ocidental¹⁰. Esses papéis trazem identidades que estão “sendo extensamente discutidas na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o sujeito moderno” (Hall, 2015, p.09). Hall, forma um diálogo consonante com o filme, onde identidades de sujeito unificados são deslocados¹¹, conseqüentemente rompendo com estruturas centrais das sociedades modernas.

Estas interrelações desses três pontos do discurso, em Galeno (sociopoética denunciativa), Stuart Hall (2015) (crise dessas identidades) e em Bacurau (sociedade dialógica) que se pode entender o quão importante são, quando colocados em discursão juntos, onde eles se aproximam, se encontram e principalmente onde se diferem, trazendo questões importantes para a formação do sujeito de falas.

Por essa textualidade poética, descobre-se um leque de configurações a respeito de como a subalternidade está exposta e, em comunicação com o filme Bacurau, trata de traçar reflexões em torno de como as subjetividades não se deixam curvarem e se potencializarem em cenas que disseminam a ação de desarmar poderes e saberes colonizados, sujeitos e contextos, culturais locais que enunciam a desobediência da lógica do discurso centralizador, Mignolo (2008), colabora para criar um espaço-tempo em atrasos em que outras existências são possíveis e que a história da colonialidade pode ser recontada.

¹⁰ “Não é difícil constatar que a história da filosofia ocidental é a história das ideias que “informaram” – isto é, deram forma – a história do Ocidente”. REALE, Giovanni; ANTISÉRI, Dario. *História da Filosofia: antiguidade e idade média*. São Paulo: Paulus, 1990.

¹¹ Quando o autor usa o termo deslocamento, está sugerindo uma perda do “sentido de si”, “descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos”, gerando uma crise de identidade.

Sendo uma vila, uma favela, uma ocupação, uma comunidade rural, um quilombo, uma aldeia, o personagem representado por Lunga (Silvero Pereira)¹² figura icônica, um verdadeiro cangaceiro *queer* que vai imprimir a justiça social se mostrando e agindo como verdadeiro marginal desobediente e não dócil.

Decorre visualizar como as subjetividades se inserem no contexto social marcado. De acordo com Guattari, as máquinas de produção de subjetividade são variáveis, a depender dos parâmetros de sistemas econômicos que se diferenciam dos moldes tradicionais para os modelos capitalísticos,¹³ explicando o modo de exploração uma vez que “a economia colonial latino-americana valeu-se da maior concentração de força de trabalho até então conhecida, para tornar possível a maior concentração de riqueza com que jamais contou qualquer civilização na história mundial” (Galeano, 2019, p. 64).

Na busca de representatividades, a revolução da gente em “Bacurau” sai da memória do Museu do Cangaço (cenográfico), a “única atração cultural da comunidade”. O Cangaço é uma fonte extraordinária de expressão crítica da cultura nordestina, desde o movimento construído pelas vias da marginalização que o constitui até os signos mais evidentes, como a moda, a fala e o pensamento. Esse movimento tem sua importância na cultura local e peculiar do sertão nordestino, com suas revoltas importantíssimas no período em que o coronelismo imperava sobre o solo escaldante do semiárido.

Bacurau traz velhos problemas conhecidos pela América Latina, abrindo frentes de discursos que interrelacionam pensamentos, que move modos de existir. Em suas veias, Galeano mostra os anseios de um continente sempre à espreita da chamada

¹² **Silvero Pereira** é cearense e nasceu em 1982. Tem formação em Artes Cênicas pelo Instituto Federal do Ceará e se consagrou na televisão brasileira por sua participação na novela A Força do Querer, interpretando uma drag queen. Além de ser ator, Silvero é diretor, pesquisador, figurinista, cenógrafo, maquiador, iluminador, produtor e professor teatro. Começou a atuar em 2000, aos 17 anos, desde então tem se dedicado às causas LGBTQIA+. Antes de estrear na televisão, rodou o Brasil interpretando uma travesti na peça BR-Trans. Mais recente, Silvero interpretou um cangaceiro queer no filme Bacurau.

¹³ Tudo o que é produzido pela subjetivação capitalística – tudo o que nos chega pela linguagem, pela família, e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de ideias e significações por meio de enunciados significantes. Tão pouco se reduz a modelos de identidade ou identificações com polos maternos e paternos. Trata-se de sistemas de significações entre grandes máquinas produtivas e grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo. (*Ibidem*, p.35).

prosperidade social, o que se comunga com a linguagem cinematográfica do filme, a considerar um mapa de linhagens em diversidade com posturas mais incisivas para enunciar o outro, para se entender a obra de Galeano e toda sua contribuição para o fortalecimento do pensamento outro.

Para Mignolo, nunca foi tão necessário “aprender a desaprender”. Trata-se de uma “desobediência epistêmica que não, necessariamente, se opõe a uma razão moderna hegemônica, uma vez que a América Latina também é parte integrante dessa modernidade, como postula Quijano (ou de uma “transmodernidade”,¹⁴ para Dussel), mas de coadunar essa racionalidade hegemônica com uma racionalidade cosmológica, “pluriversal” e “pluritópica” – “pensamento decolonial”. Neste sentido, diferentemente do “Orientalismo” percebido por Edward Said, a América Latina não foi projetada pelos europeus dentro de uma oposição binária que definia o seu ocidentalismo, mas como parte integrante de um projeto de modernidade que reservava um lugar subalterno para os povos indígenas e afrodescendentes que habitavam ou passaram a habitar este continente, e demais grupos oprimidos e explorados. Por isso, Mignolo não parte para uma desconstrução da epistemologia eurocêntrica, mas para uma combinação sem hierarquia de uma racionalidade cosmológica com uma racionalidade hegemônica.

Para Galeano (2019, p.17), “passaram-se os séculos e a América Latina aprimorou suas funções” de subserviência epistemológicas ao Norte. Em suas escritas, o escritor Uruguaio mostra que a perversa exploração humana é uma “práxis racional da violência” (Dussel, 2000, p.472), descrevendo todo o cenário do projeto da modernidade. Através das cenas do filme “Bacurau”, temos um cenário totalmente de rebeldia ao lançar linhas de fugas. Como a questão de enfrentamento gera-se uma tensão entre o subalterno e o seu bem feitor no caso aqui, o conhecimento científico moderno, sendo que existe sempre uma forma de conter essa força que viola esse conhecimento (in)-contestável. Assim, Agamben afirma que um dispositivo trata de “qualquer coisa que tenha, de algum modo, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, comportamentos, opiniões e discursos dos seres vivos”. (AGAMBEN, 2010, p. 28).

¹⁴ Ver DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Revista Sociedade e Estado*. Vol. 31, n. 1, janeiro/ abril de 2016, p. 63.

Nesse sentido indagamos: De que forma o estudo da sociopoética de Eduardo Galeano permite articular uma alternativa epistêmica decolonial para a América Latina, identificando uma ética, uma política e produções de subjetividades que retirem os saberes eleitos pelo pensamento moderno?

Neste esteio, a elaboração de uma crítica à racionalidade eurocêntrica, através da sociopoética de Eduardo Galeano, sobretudo, pautada na teoria decolonial latino-americana, passa pela busca de “enunciações fraturadas” acerca dos conceitos fundadores da modernidade que apontem para uma razão decolonial:

Pelo caminho perdemos até o direito de nos chamarmos americanos, embora os cubanos já estivessem inscritos na história, como novos povos, um século antes que os peregrinos do Mayflower se estabelecessem nas costas de Plymouth. Agora para o mundo, América é tão só os Estados Unidos, e nós quando muito habitantes uma sub-América, uma América de segunda classe, de nebulosa identidade, (GALEANO, 2019, p.18)

Destarte, fica nítido o papel da literatura, especialmente, por implodir a falsa dicotomia entre política e cultura, na promoção de saberes e sujeitos vilipendiados pela epistemologia ocidental. A importância de uma reescrita do direito de quem somos ou, melhor, de quem nos tornamos entende que as identidades construídas são de cunho geopolítico de base fundamentalista, porém, vem sendo contestada através dos tempos, sendo editados os textos escritos nos corpos despídos de maldades, sendo fortalecidos por estudos da colonialidade do saber, buscando assim uma engenhosa mudança entre o moderno/ colonial/ decolonial.

Esta insubordinação epistêmica nos direciona então para a investigação de uma operação teórico-metodológica de “desencaixe”¹⁵ e “reencaixe”, como formulada por Giddens, de temas muitos caros para o mundo ocidental na obra de Galeano tais como: democracia, cidadania, estado-nação, desenvolvimento, modernização, revolução, questões étnico-raciais, questões de gênero e de sexualidades.

Dentro desta perspectiva, Homi K. Bhabha sugere a ideia de estudo da literatura no interstício entre o significado, o significante e o contexto sócio-histórico e ideológico do usuário da linguagem, onde se visibiliza o hibridismo, denominado por

¹⁵ GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ele como “terceiro espaço”¹⁶, interpretando e atuando no movimento dos signos no processo de “interculturalidades”.

Ao seguir estas pistas decoloniais na análise dos escritos de Galeano, deparamos com uma “cartografia”¹⁷ do saber desenhada no sul da América, ou se pensar, em uma gramática da decolonialidade que não se submete às metonímias, às linearidades e à hierarquização do conhecimento, pelo contrário, em seguir com a tradução do que se quer enquanto uma epistemologia “rizomática”¹⁸. Além disso, para Boaventura de Souza Santos (2007), uma epistemologia fabricada no Sul faz emergir saberes sepultados pelo eurocentrismo (“ausentes”) e rende produtos de aprendizagem até então invisibilizados pela razão hegemônica, bem como prospecta de novos processos educativos sendo importante ao pensar Paulo Freire que tem relevantes contribuições, na perspectiva educativa e social, experimenta outras vias emancipatórias que potencializa a libertação dos oprimidos, transformando um sujeito de enunciação passiva para um sujeito enunciação reflexiva. Em seu livro “Pedagogia do Oprimido” (1968), Freire revela uma potência plural no combate a maquinaria produzida na educação do Brasil e de todos os povos do mundo que são subjugados e subalternizados por poderes alicerçados na cultura colonial/ neoliberal.

Uma epistemologia decolonial assim objetivada se levanta como um verdadeiro dispositivo de catalisação de outras “verdades” e novas relações de poder, que podem se deslocar nas direções sul-sul e sul-norte, gerando novos processos de subjetivação responsáveis pela emergência de grupos singulares e sujeitos subalternos até então abafados pela racionalidade moderna/colonial. Conforme Mignolo, a opção

¹⁶ Segundo Bhabha o “terceiro espaço” não é um local concreto, definido, determinado, podemos considerá-lo um conceito sobre o processo de significação, um “entrelugar” da produção de sentido da enunciação.

¹⁷ Cartografia não se refere a territórios como vemos no componente curricular de geografia. Deleuze incorpora essa nomenclatura para os campos de forças e relações, referindo-se aos movimentos e não propriamente às posições fixas.

¹⁸ Deleuze e Guattari tomam o conceito por empréstimo da Botânica e apontam os seus princípios, tais como: o da conexão, da heterogeneidade, da multiplicidade, da ruptura a-significante, da cartografia e da decalcomania. Tais características de um rizoma são trabalhadas mais detalhadamente ao longo do trabalho. Para os autores: “diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer a outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos.” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 31).

decolonial enfatiza as “subjetividades superiores” e, com isso, desvela subjetividades diferentes já presentes nos corpos e nas mentes dos indígenas, afro diaspóricos e outros grupos e sujeitos bastados da América Latina.

A escrita dissidente de Galeano nos conduz também, até por se tratar de uma literatura fabricada no eixo sul, às ideias de Deleuze e Guattari sobre uma “literatura menor”. Estas operações combinadas com uma perspectiva “rizomática” dos saberes responsáveis pelas desestratificações, desterritorializações, reterritorizações e, por conseguinte, agenciamentos no âmbito da cultura, vem potencializar uma perspectiva decolonial em Galeano.

Para Foucault, em *Microfísica do Poder* (2018, p.231), o humanismo moderno se engana, assim, ao estabelecer a separação entre saber e poder. Assim, percebemos na prevalência do poder sobre o saber, enquanto forma de aprisionamento. Ainda segundo Foucault (2018, p.231), estes dois pontos estão integrados, e não se trata de sonhar com um momento em que o saber não dependerá mais do poder, o que seria uma maneira de reproduzir, de forma utópica, o mesmo humanismo. Para Mignolo, o fato de os gregos terem inventado o pensamento filosófico, não quer dizer que tenha inventado o Pensamento.

A divisão do trabalho significa que alguns países se especializaram em ganhar e outros em perder. Nossa comarca no mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se aventuraram pelos mares e lhes cravaram os dentes na garganta. Passaram-se os séculos e a América Latina aprimorou suas funções. (GALEANO, 2019, p. 17).

Eduardo Galeano, que é também autor de “O livro dos abraços” (2005), está propondo nada mais que uma crítica decolonial, num formato de entendimento dos sujeitos que nos tornamos através de técnicas muito avançadas de subalternização do outro, dialogando com Foucault, quando o mesmo diz que a relação de poder está talvez entre as coisas mais escondidas no corpo social (2018, p.355). Tanto Foucault quanto Galeano reorganizam nossa memória sobre a dimensão de como é constituído o sujeito colonial, apontando uma perspectiva contra o poder hegemônico, traduzindo e articulando suas diferenças. Dessa forma, torna-se salutar também como estas subjetividades não-hegemônicas descortinam singularidades, ancestralidades e identidades coletivas nas veias e corpos desobedientes no livro “As veias abertas da América Latina” e no filme “Bacurau”.

Para Spivak (1976), a condição de subalternidade é a condição do silêncio ou seja: o subalterno carece necessariamente de um representante por sua própria condição de silenciado. Por um lado, observa-se a divisão internacional entre a sociedade capitalista, regida pela lei imperialista e, por outro, a impossibilidade de representação daqueles que estão à margem ou centros, silenciados, sendo o campo de estudo maior conhecido como “Crítica Colonial”. Segundo Miglievich-Ribeiro, trata-se de um campo que se estende desde a Teologia e Filosofia da Libertação do argentino Enrique Dussel, nas décadas de 1960 e 1970, passando pelos debates sobre pós-modernidade e pós-estruturalismo e estudos culturais na Europa, até os Estudos Pós-coloniais e Subalternos no Sul da Ásia e da África e a Decolonialidade na América Latina. Pensadores como Aníbal Quijano e Mignolo destacam em suas pesquisas, seguindo a mesma trilha de Dussel, a especificidade da modernidade/colonialidade na América que, embora não ocupando uma posição privilegiada, embarcou e constituiu o pressuposto da era moderna juntamente com os europeus.

Para Boaventura (2000), a opção pelo conhecimento-emancipação é a transição do mono para o multiculturalismo através do reconhecimento de outras culturas e modos de pensar e viver.

A questão é, pois: como realizar um diálogo multicultural quando algumas culturas foram reduzidas ao silêncio e as suas formas de ver e conhecer o mundo se tornaram impronunciáveis? Em outras palavras, como fazer falar o silêncio sem que ele fale necessariamente a linguagem hegemônica que o pretende fazer falar? (BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS, 2000, p.30).

Como pensar multiculturalismo e explicar, a partir da experiência da colonização latino-americana? Como fazer isto do ponto de vista do colonizado com a própria construção de identidades da diferença? Estas indagações contribuem para novos olhares e interpretações de outras relações humanas exercitadas nas regiões periféricas do complexo espacial do mundo, principalmente quanto ao sentido de pertencimento dos sujeitos em relação a esses locais. Penar estes territórios onde o sujeito e o poder são remetidos e, potencializados a ocupação de espaços sem ser/ter visão de dependência cultural cujo o pensamento opera em outras margens, fora de contextos de diálogos comuns, força bruta, relações de comuns. Territórios ocupados,

que potencializam as fontes de poder devem existir sem as forças que colonizam, marginalizam e oprimem.

3 Considerações Finais

Esta pesquisa se encontra em movimento (em construção) e tem como proposta analisar na sociopoética do escritor e jornalista uruguaio Eduardo Hughes Galeano uma decolonialidade propositada quando este, em suas escritas desenterra saberes subvertidos, colocando-se contra a lógica moderna/ colonial que opera como instrumento de captura de sujeitos outros, sendo assim o aspecto positivo do conhecimento, quando delegado à “experiência nua” (AGAMBEN, 2010) da ordem do discurso e de modos de ser, como aposta Foucault (2004), em detrimento de plantar os saberes em determinadas fases da história e concentrado sob os dispositivos de poder. De que forma, o estudo da sociopoética de Eduardo Galeano permite perceber uma alternativa epistêmica decolonial para a América Latina, identificando uma ética, uma política e produções de subjetividades que retirem os saberes eleitos pelo pensamento moderno da sua posição de exclusividade na tomada da realidade?

Além das crônicas poéticas e narrativas de Galeano, sob a ótica dos desvalidos, a investigação tem em suas contribuições teóricas que dialogam de uma forma ou de outra com a crítica decolonial. Tendo o filme “Bacurau (2019)”, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles um espelho aliado para dialogar e elucubrar esse construto de informações, entendendo essa produção fílmica como uma ótima arma denunciativa e decolonial que desponta como um importante arsenal de emancipação de sujeitos subalternos em tempos em que se pensa cada vez mais numa maior cooperação sul-sul. Nesta urdidura, esta investigação é uma tentativa de compor este campo de estudos articulando diferentes estilos literários presentes na sociopoética de Eduardo Galeano e na produção cinematográfica “Bacurau”, com o giro decolonial na América Latina.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Uma biopolítica menor. Disponível em <http://golosinacanibal.blogspot.com/2010/10/uma-biopolitica-menor-entrevista-com-html>.

BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Pernambuco: Vitrine Filmes, 2019.

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. Rizoma, In: “*Mil platôs*”: Capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

_____. As relações de poder passam para o interior dos corpos. O Sujeito e o poder. Michel Foucault, uma Entrevista: Sexo, Poder e a Política da Identidade. In: Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. Ditos e Escritos IX. Organizador Manoel Barros da Motta. Tradução: Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 35-43; 118-140; 249-263.

_____. “O que é uma literatura menor?”. In: Kafka: Por uma literatura menor. Tradução Castanon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. Revista Sociedade e Estado. Vol. 31, n. 1, janeiro/ abril de 2016.

FARRET, Rafael Leporace & PINTO, Simone Rodrigues. América Latina: da construção do nome à consolidação da ideia. Topoi (Rio J.) [online]. 2011, vol.12, n.23, pp.30-42. ISSN 2237-101X.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução e Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, Paulo (1998). *Pedagogia do Oprimido*. 25^a ed. (1^a edição: 1970). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GALEANO, Eduardo H. *As veias abertas da América Latina*. Tradução de Sérgio Franco. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2019.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. *Cartografia do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 7^a Edição.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu Silva & Guacira Louro. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 12^a Edição.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Por uma Razão Decolonial: desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. Civitas. Porto Alegre. V. 14, n. 1, jan-abr de 2014.

MIGNOLO, Walter D., Desobediência Epistêmica: A Opção descolonial e o significado de identidade em política. Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, n. 34, 2008.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Clección Sur Sur, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, Setembro 2005.

REALE, Giovanni; ANTISÉRI, Dario. *História da Filosofia: antiguidade e idade média*. São Paulo: Paulus, 1990.

SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente – contra o desperdício da experiência. Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática, Volume 1. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, Boaventura de Souza. Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart.